

Binarismo de Gênero e Subjetividade: Diálogos e Intermediações

Binarism of Gender and Subjectivity: Dialogues and Intermediation

<https://doi.org/10.21727/rm.v17i1.5352>

Paulo Francisco de Castro

Doutor em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano.
Professor em Técnicas de Exame Psicológico da Universidade de Taubaté (UNITAU),
Taubaté, São Paulo, Brasil

Renan da Costa Roque

Graduado do curso de Psicologia,
Universidade de Taubaté (UNITAU), Taubaté, São Paulo, Brasil.

e-mail de correspondência: renan.roque.psi@gmail.com

Resumo: O artigo analisa as influências do binarismo de gênero na subjetividade e no processo de subjetivação dos sujeitos. Para isso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 18 participantes, entre 18 e 30 anos. A análise de conteúdo identificou três categorias centrais: significados de masculinidade e feminilidade, falta de identificação e imposições socioculturais, e autopercepção em relação ao gênero. Os resultados indicam que as representações de gênero exercem grande influência na subjetivação, moldando a forma como os indivíduos se expressam, se percebem e se posicionam no mundo, impactando diretamente sua identidade e vivências sociais.

Palavras-chave: Binarismo de gênero. Subjetividade. Subjetivação. Masculinidade. Feminilidade.

Abstract: The article analyzes the influences of gender binarism on subjectivity and the process of subjectivation. To this end, semi-structured interviews were conducted with 18 participants aged between 18 and 30 years. Content analysis identified three central categories: meanings of masculinity and femininity, lack of identification and sociocultural impositions, and self-perception in relation to gender. The results indicate that gender representations exert a significant influence on subjectivation, shaping how individuals express themselves, perceive themselves, and position themselves in the world, directly impacting their identity and social experiences.

Keywords: Gender binarismo. Subjectivity. Subjectivation. Masculinity. Femininity

Recebido em: 19/04/2025.

Aceito em: 09/03/2026.

Como citar este artigo

CASTRO, P. F. de.; ROQUE, R. da C. Binarismo de Gênero e Subjetividade: Diálogos e Intermediações, *Mosaico – Revista Multidisciplinar de Humanidades*, Vassouras, v. 17, n. 1, p. 317-333, jan./abr., 2026.



Introdução:

Para iniciar as discussões propostas, cabe colocar a diferença entre sexo e gênero, tendo em vista que é comum utilizar esses dois como sinônimos. Sexo diz respeito à condição biológica e anatômica do sujeito, que o define como do sexo masculino e feminino a partir do aparelho reprodutor específico e as características sexuais referentes aos hormônios. Por outro lado, gênero diz respeito a uma construção social que estabelece os modos de ser e de agir de cada sujeito, levando como ponto de partida seu sexo de nascença. Ao nascer, a criança é definida como “menina ou menino”, e a partir disso esse indivíduo receberá uma série de estímulos, mensagens e ensinamentos de como deve ser, agir e pensar. Portanto, a partir das genitais masculinas ou femininas, a criança é ensinada pela sociedade, e por suas instituições, a ser e se comportar de determinada maneira (Cabral; Diaz, 1998). Tal apresentação inicial faz-se necessária pois, apesar de serem termos amplamente discutidos, ainda existe certa resistência ou dificuldade em internalizá-los dessa forma.

A partir da concepção de Guattari (2000), subjetividade e gênero apresentam forte relação, já que para o autor subjetividade pode ser compreendida como um processo em que o sujeito é o resultado de múltiplas influências socioculturais, que são manifestadas pelas instituições, pelas relações familiares, pela mídia, instâncias coletivas e individuais no geral, etc. Dessa forma, subjetividade não é algo absolutamente individual e interna, e nem mesmo possui uma essência em si mesma, só é possível compreendê-la de forma inseparável com a realidade, como sendo completamente influenciada pelo social (Parpinelli; Fernandes, 2011). Assim como reforça Bock (2001), ao se tratar de subjetividade é essencial falar da objetividade onde vivem os indivíduos. Logo, a compreensão do interno exige a compreensão do externo, visto que estes se relacionam de forma dialética, ambos se influenciando, onde o sujeito modifica e é modificado, e dessa forma são propiciados os elementos para a constituição singular da existência e da vida psíquica.

A produção acadêmica sobre gênero e subjetividade tem se organizado, de modo geral, em alguns eixos principais. Um primeiro conjunto de trabalhos, de inspiração pós-estruturalista, problematiza o gênero como norma e performatividade, enfatizando seu caráter discursivo e regulatório (Hall, 1997; Butler, 2014). Um segundo eixo, fortemente influenciado por Foucault, analisa os processos de subjetivação como efeitos de dispositivos de poder, saber e práticas institucionais (Guattari, 2000; Foucault, 2003). Há ainda contribuições feministas materialistas que enfatizam a articulação entre gênero, trabalho, corpo e economia política (Davis, 2016; Federici, 2017; Hooks, 2019). Embora essas abordagens sejam fundamentais para compreender o fenômeno, muitas vezes permanecem em níveis distintos de análise, sem articular de modo empírico como essas dimensões atravessam concretamente as experiências dos sujeitos. É nesse ponto que o presente estudo se insere, ao buscar articular essas perspectivas, analisando como o binarismo de gênero opera nos processos de subjetivação de jovens adultos.

A partir do levantado, o presente artigo tem como objetivo investigar os impactos que os significados e representações de masculinidade e feminilidade exercem sobre as subjetividades, considerando as influências na forma de se expressar e as concepções de autoimagem e autoconceito, que perpassam esses atravessamentos de gênero. Ainda cabe explicar que este estudo diz respeito a um recorte de um trabalho de conclusão de curso, referente ao curso de psicologia, realizado no ano de 2022.

Masculinidade e feminilidade

Cabe colocar que a literatura sobre gênero é atravessada por distintas tradições teóricas. Abordagens pós-estruturalistas enfatizam o gênero como norma e performatividade (Butler, 2014), enquanto perspectivas materialistas destacam sua articulação com o trabalho, o corpo e a economia política (Federici, 2017; Davis, 2016). Já contribuições interseccionais chamam atenção para o entrecruzamento entre gênero, raça e classe (Hooks, 2019). Essas diferentes leituras não apenas coexistem, mas frequentemente tensionam-se, configurando um campo heterogêneo de debates no qual este artigo se insere.

Ao longo de seus desenvolvimentos, os indivíduos são impactados por diversos atores sociais que fundamentam a feminilidade e a masculinidade. A influência do patriarcado e do machismo está implícita nos

discursos sociais, que resultam em uma normalização de comportamentos masculinos e femininos. Essas práticas sexistas regulam de tal maneira as relações sociais que passa a ser “natural” perceber a realidade por meio desta ótica da separação dos papéis sexuais. Os discursos deixam traços tão marcantes na sociedade esta que nem mesmo consegue perceber que ela é a responsável pela reprodução destas práticas abusivas e preconceituosas (Andrade; Delicato, 2019).

Uma das mais essenciais características atribuídas à feminilidade é a passividade, esta se desenvolve nas mulheres desde os primórdios de suas vidas. Entretanto, é um equívoco entender como um aspecto biológico ou da natureza, o ponto central para este entendimento está em um movimento social que estabelece esse destino à mulher. Ensinam à ela que deve agradar, fazem dela um objeto, e dessa forma tiram dela toda sua liberdade e autonomia. A própria educação materna visa tornar a menina uma “mulher de verdade”, avaliando que dessa forma será mais socialmente aceita. Cresce em uma sociedade onde todas as cuidadoras reforçam isso. Por mais que os avanços feministas tenham conquistado direitos e espaços para a mulher se manifestar estudando, praticando esportes e fazendo política a sociedade ainda exige destas que não perca sua feminilidade (Beauvoir, 1967).¹

Por outro lado, o menino é encorajado a se manifestar no mundo de forma ativa, expansiva, com um livre movimento. É justamente se impondo e agindo no mundo que sua existência se concretiza. Se a menina recebe o mesmo tratamento, estímulos e encorajamentos para se manifestar esta tem a mesma iniciativa e potencial realizador que o menino (Beauvoir, 1967).

Mead (2015) também acrescenta ao debate, ao dissertar que os valores atribuídos aos sexos são socialmente produzidos e não biologicamente impostos. As padronizadas diferenças entre os gêneros não são nada além de criações culturais, na qual cada geração é treinada a aceitar. A antropóloga conclui que a natureza humana é maleável, respondendo às condições culturais presentes. Ela ressalta a importância de se produzir sociedades menos padronizadas, em relação aos comportamentos e temperamentos, visto que existe uma gama de potencialidades humanas que deixam de ser desenvolvidas em determinados indivíduos por conta de seu sexo. Portanto, uma sociedade menos arbitrária possibilitaria que os indivíduos expressassem todos os talentos que houvesse interesse, não permitindo que mulheres manifestem somente um padrão de comportamento e homens um outro padrão.²

A transição ao capitalismo não apenas reorganizou a economia, mas também redefiniu profundamente as relações de gênero. O patriarcado foi reforçado e ressignificado, tornando-se uma engrenagem indispensável do novo sistema. As mulheres foram empurradas para a esfera privada da família nuclear, reduzidas ao papel de trabalhadoras não assalariadas, responsáveis pela reprodução da força de trabalho. Isso significou que cozinhar, limpar, cuidar, gestar e criar filhos passaram a ser vistas como funções naturais, biológicas e “obrigatórias” das mulheres, e não como trabalho social. Dessa forma, o capitalismo operou uma dupla exploração: de um lado, a dos homens no trabalho assalariado; de outro, a das mulheres em atividades invisíveis e não remuneradas, mas essenciais para que os primeiros pudessem ser explorados. O corpo feminino, sua sexualidade e sua capacidade de gerar vida foram transformados em recursos a serviço da acumulação, submetidos ao controle do Estado e da moral patriarcal. Em resumo, não existe capitalismo sem patriarcado, a opressão das mulheres foi condição histórica e material para a expansão do sistema (Federeci, 2017).

Cabe colocar que a figura da “dona de casa” tem um peso histórico na imagem feminina, e nos papéis determinando socialmente a elas, no que se refere principalmente aos trabalhos domésticos e funções reprodutivas, mas essa é uma realidade parcial, já que este diz mais de um símbolo de prosperidade de determinadas classes econômicas favorecidas. As mulheres negras, raramente são somente “donas de casa”, estas carregam o fardo duplo do trabalho assalariado e doméstico, já que ainda que esta figura não seja uma

¹ Necessário destacar que esta visão remete às questões socioculturais da época de sua publicação, embora ainda se tenha, em alguns contextos, uma visão semelhante a esta atualmente.

² Destaca-se que os autores deste texto concordam plenamente com a posição apresentada de que esses padrões possuem componentes eminentemente sociais e culturais.

hegemonia, está contribui fortemente para a construção de imaginários universais, que reforçam os papéis de gênero, atribuindo a mulher a função doméstica e a maternidade (Davis, 2016).³

Ainda sobre o patriarcado, Hooks (2019) afirma que é no próprio processo de transmissão do patriarcado que se constrói a adequação de gênero e de identidade dos sujeitos, sejam eles homens ou mulheres. Isso se manifesta desde os primeiros momentos da vida, como na escolha do enxoval dos bebês, nas brincadeiras infantis e ao longo do desenvolvimento, orientando a forma como as pessoas devem se relacionar e expressar afetos, sentimentos e emoções. A autora sustenta que se estabelece uma espécie de “redoma” normativa destinada a assegurar que cada indivíduo desempenhe o papel considerado apropriado ao sexo biológico que lhe foi atribuído. Quando ocorre qualquer afastamento desse modelo, entram em ação mecanismos de reprovação, frequentemente marcados por intensa violência exercida pelas autoridades patriarcais. Essa violência funciona como instrumento de correção e é apresentada como uma prática “pedagógica”, cuja finalidade seria disciplinar e produzir conformidade nos demais.

O fato de se silenciar sobre o patriarcado, ao tratar da subordinação das mulheres, impede que essa forma de dominação seja questionada e transformada. A ordem patriarcal distribui vantagens e privilégios de modo desigual, favorecendo os homens. Toda identidade ou papel sexual rígido — seja em termos de classe e/ou de gênero — tende a buscar a imposição de poder e supremacia sobre os demais, o que frequentemente conduz a práticas nocivas que violam a dignidade de outras pessoas (Hooks, 2019).

Com isso, é preciso pensar maneiras coletivas e sociais de combater e enfrentar essa desigualdade, e com esse intuito Hooks (2019) desenvolveu reflexões e propôs uma pedagogia feminista. Tendo Paulo Freire como uma de suas referências, mas dando saltos para além dele, a autora defende que é por meio de uma educação crítica e horizontalizada que seria possível enfrentar questões sociais de ordem de gênero, classe e raça. Em um espaço onde o professor(a) e o aluno(a) tenham voz e lugar para se posicionarem, promovendo um verdadeiro diálogo com reflexão e debate.

Subjetividade e subjetivação

Neste artigo, o conceito de subjetividade é compreendido em oposição a leituras essencialistas ou psicologizantes que a tomam como uma instância interna, estável e individual. Aproxima-se de abordagens que a concebem como um processo histórico, relacional e atravessado por dispositivos sociais, culturais e institucionais (Foucault, 2003; Guattari, 2000). Nessa perspectiva, os sujeitos não são entendidos como portadores de uma identidade fixa ou de uma essência prévia, mas como efeitos provisórios de práticas, discursos e relações de poder que os atravessam, sendo simultaneamente produzidos por eles e capazes de produzir deslocamentos nesses mesmos regimes.

Para que seja possível abordar o processo de subjetivação, primeiramente se faz essencial tratar da própria subjetividade, visto que estes temas possuem uma ligação direta. A subjetividade é fundamentalmente construída e modelada nas vivências sociais, e ainda, se trata de uma matéria prima viva que se encontra em constante mutação, sendo possível por meio desta experimentar e inventar diferentes formas de perceber e estar no mundo (Guattari; Rolnik, 1996).

Não é possível pensar que a subjetividade surge de um centro interior independente, é preciso destacar a relação entre os discursos culturais e o desejo de atender aos seus significados, e com isso se identificar. A partir disso, as influências culturais passam a ter grande destaque na constituição do sujeito, sendo essas

³ Compreende-se que a intrínseca relação entre os ditames do capitalismo foram forte influência em vários aspectos do mundo social e cultural, principalmente, no contexto aqui trabalhado, com as questões relacionadas à masculinidade e feminilidade.

práticas sociais que forjam os sentidos que acabam por instituir modos de viver, de ser, de compreender, de explicar a si mesmo e o mundo (Hall, 1997).⁴

Dessa forma, subjetividade pode ser compreendida a partir de críticas ao modelo de identidade formulado na modernidade, onde há uma soberania no sujeito e a identidade é vista como algo essencial, onde esta até poderia sofrer transformações, mas, de maneira geral, é permanente. O conceito de subjetividade tem o intuito de descentralizar o sujeito, sendo este um constante “por fazer”, nunca sendo algo absoluto e fixo (Hennigen; Guareschi, 2006).

Nesta perspectiva, a subjetividade não é compreendida como algo essencial, na qual a realidade já está dada onde o sujeito somente reafirma uma estrutura idêntica de si. A subjetividade envolve um processo que resulta na convergência de vetores de produção, havendo instâncias individuais, coletivas e institucionais. Esse sistema vivo e aberto possibilita uma postura de constante mutação, sendo possível se desprender de rótulos, estigmas e identidades fixas, podendo construir diferentes planos existenciais, que atuam de modo revolucionário em relação às forças institucionais que buscam a simplificação dos corpos e dos modos de ser no mundo. Por fim, mesmo com toda a influência do meio social, o sujeito tem a potência de produzir novas formas de subjetivação (Guattari, 2000). Dessa forma, compreende-se a subjetividade como um construto dinâmico, fruto da interação de vários vetores: individuais, sociais e culturais.

Maheirie (2002) pensa a subjetividade articulando o sujeito com subjetividade e objetividade. Vivenciando o mundo, o sujeito produz seus significados dessas vivências, e, dessa forma, singulariza os objetos do coletivo e humaniza a objetividade do mundo. A partir disso, em cada ato de significação podemos ver a objetivação da subjetividade do sujeito. Esse processo de construção do sujeito acontece na vida coletiva, e por conta disso ele é influenciado por esta, se postando como produto e produtor, já que ele é afetado pelo meio, mas não é um objeto deste, podendo definir seus projetos de existência e estabelecer sua construção enquanto sujeito.

Para finalizar, Foucault (2003) pensa a subjetividade como algo em concomitantes conexões, e não de forma meramente causal. Assim, leva-se em conta os múltiplos fatores que afetam os modos de subjetivação, e como esses se relacionam, sendo a subjetividade compreendida como processo e não como estrutura.

METODOLOGIA

A presente pesquisa se classifica como qualitativa, do tipo estudo de caso coletivo, já que neste foram entrevistados um determinado número de pessoas que possivelmente representem o conhecimento universal a respeito do tema em questão (Gil, 2002). Ainda, foi utilizado como norte teórico-metodológico a história oral, uma maneira de pesquisar que prioriza as narrativas e lembranças, tanto pessoais quanto coletivas, como caminho para a construção do conhecimento. Diferente de uma entrevista comum, ela procura captar a complexidade das experiências vividas, reconhecendo cada indivíduo como protagonista de sua trajetória. Seu diferencial em relação às técnicas convencionais está no fato de não se limitar à coleta de informações, mas, sim, em gerar documentos narrativos construídos no diálogo entre pesquisador e colaborador (Ribeiro, 2021).

A amostra abrangeu 18 participantes, número que se mostrou possível dentro do prazo estabelecido para a etapa de coleta de dados. O único critério para seleção destes foi a idade, obrigatoriamente ter entre 18 e 30 anos. Essa faixa etária foi selecionada com o intuito de delimitar e controlar os possíveis interessados em participar da pesquisa, e também visando observar o fenômeno estudado em jovens e jovens adultos, visando compreender como as questões de gênero e subjetividade se mostram nesta geração. Outras variáveis como escolaridade, nível socioeconômico, estado civil não foram consideradas para o estudo, pois não se relacionam com o tema proposto.

⁴ Mais uma vez, destaca-se a força da cultura como fator determinante sobre a dinâmica dos indivíduos, em vários contextos.

Tratou-se de estudo com uma amostra não probabilística, cujos participantes foram convidados por acessibilidade, e todos estes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Inicialmente o projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisas, sob Número do Parecer: 5.408.624 para que pudesse ser analisado se este teria permissão de prosseguir o estudo. Depois da aprovação, houve uma divulgação da pesquisa e convite a partir dos meios de contato eletrônicos do acadêmico pesquisador. Quem se interessou em colaborar com o estudo entrou em contato para agendamento on-line da entrevista.

Para a coleta de dados em si foram feitas entrevistas semiestruturadas, de caráter não-diretivo, realizadas também de forma virtual, na plataforma de reunião que a pessoa participante em questão manifestou preferência. Foi desenvolvido um roteiro de entrevista, com doze perguntas, que foram elaboradas a partir do estudo dos aspectos teóricos sobre o tema. As entrevistas tiveram duração média de 30 minutos, e não se restringiram somente ao roteiro previamente montado, havendo outras perguntas correspondentes à resposta dada pela pessoa participante.

A vantagem de utilizar entrevista como método é que por meio desta é possível ter um contato mais próximo entre autor da pesquisa e os membros da amostra, sendo possível apreender o que as pessoas participantes pensam, sentem, fazem, argumentam e representam. A entrevista não diretiva se caracteriza como uma forma de coletar as informações de forma livre, a partir do que é levantado de forma espontânea pela pessoa entrevistada, enquanto quem realiza a entrevista deve fazer somente perguntas e comentários pontuais que estimulem o desenvolvimento da fala do outro. Dessa forma, o diálogo se desenvolve de forma mais descontraída, possibilitando um ambiente confortável para expressar ideias, pensamento e falas. No tocante a entrevista semiestruturada, esta possui um roteiro de questões definidas e previamente elaboradas, em que novos questionamentos podem ser aplicados para aprofundamento das informações. A referida estratégia para coletar dados, permite alcançar respostas com melhor potencial de categorização (Severino, 2014).

Para efetuar o trabalho com os dados coletados, foi realizada uma análise de conteúdo do material, seguindo o modelo de análise desenvolvido pela autora Laurence Bardin. Esse método foi o selecionado levando em conta sua especificidade com dados qualitativos, e por este permitir que o pesquisador leve em consideração as características, as estruturas e os modelos que se compreendeu como mais relevantes para o tema do estudo. Ademais, esse método oferece uma organização de etapas para analisar os dados, o que torna a análise mais simples e precisa. Estas etapas são constituídas por pré-análise, onde o material é preparado, envolvendo um primeiro contato e uma leitura mais livre; exploração do material, na qual estes são classificados e organizados em categorias, onde podem ser inferidos e interpretados (Bardin, 2011).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Das 18 pessoas participantes 9 se entendem como cisgênero feminina, 5 como cisgênero masculino, 3 como pessoas não binárias e uma pessoa que não soube se definir em relação a gênero. No que diz respeito à sexualidade, a metade da amostra se identifica como heterossexual (n=9), seguido dos que se entendem como bissexuais (n=6). Ainda, houve androssexual (n=1) e indeterminação, não soube definir (n=2). Por fim, em relação à localização do grupo de participantes, a amostra possui uma leve homogeneidade geográfica: São Paulo (n=14), Minas Gerais, Paraná, Sergipe e Santa Catarina, todos com 1 pessoa participante.

Com os dados coletados da referida amostra, foi possível definir categorias de análise e estas se deram de maneira não apriorística, ou seja, foram pensados e definidas após a realização das entrevistas, após contato com o material levantado. Dessa forma, segue abaixo a apresentação das categorias, sendo: Significados de masculinidade e feminilidade e suas influências na subjetividade; Falta de identificação e imposições socioculturais e Autopercepção em relação ao gênero.

Significados de masculinidade e feminilidade e suas influências na subjetividade

Em relação aos significados identificados a respeito de masculinidade e feminilidade foi possível observar que há uma tendência a posicionar esses dois conceitos de forma antagônica, como opostos. Por outro lado, também foram apresentados entendimentos mais abertos, definindo estes como construções sociais, que recebem significados, não com um caráter de essência, mas sim desenvolvidos socialmente.

No que diz respeito à feminilidade, esta foi associada a características e aspectos diversos, tais como: “Liberdade”, “Força”, “Resistência”, “Mediadora”, “Delicadeza”, “Protegida”, “Algo mais compreensivo”, “Dócil” e “Acolhedora”. A partir destas é possível desenvolver variadas compreensões, mas ficam evidentes dois pontos. O primeiro deles pode ser visto como um caráter mais flexível e maleável, que pode ser identificado nas atribuições de compreensiva, mediadora e de liberdade, mostrando como a feminilidade remete a uma abertura e uma aceitação. Já em relação ao outro, é possível destacar uma interpretação de submissão e passividade. A delicadeza foi o conceito mais atribuído, e pode remeter justamente a esse aspecto de abertura e compreensão, buscando traços de sensibilidade para com o mundo, ou a questões de fragilidade e fraqueza.

Ainda cabe aprofundamento em três conceitos que até então podem parecer contraditórios: “Força” / “Resistência” e “Dócil”. A definição de dócil é “que se lida com facilidade; que é fácil de ensinar e aprende facilmente; manso; que obedece sem oferecer relutância” (Dócil, 2023), o que deixa clara a contradição. Entretanto, é possível compreender que a dupla “força” e “resistência” representa essa feminilidade moderna, muito associada à mulher empoderada e que luta por seus espaços na sociedade. Já o “dócil” remete a um formato antigo e conservador de compreensão da feminilidade, onde o silenciamento e a falta de espaço eram uma constante, havendo um domínio de tradições patriarcais de maneira mais intensa. A respeito disso, Beauvoir (1967) afirma que a feminilidade é muito associada à passividade e docilidade, que sempre deve servir e agradar o outro. O contraste mencionado anteriormente pode ser observado nas falas a seguir:

“O papel esperado (do gênero feminino na sociedade) eu acho que ainda, em 2022, ainda é focar em ter família... constituir uma família sabe? Eu acho que ainda se espera isso... de um lado isso... do outro se espera que... não que se rejeite isso mas, que você foque em ter uma carreira e seja uma mulher completamente independente... eu vejo que existem esses dois lugares assim, de ou você ser uma mãe... casar... querer cuidar da família, querer cuidar da casa e essas coisas assim... e do outro lado você ser a ‘Girlboss’”(Cisgênero – feminina, 28 anos).

“Eu acho que o que as pessoas esperam de mim... não por eu ser a Yasmin (nome fictício) mas por eu ser uma mulher... eu acho que é isso... eu casar, eu ter filhos... até porque eu tenho um relacionamento de muitos anos... o que espera de mim... deixa eu ver, além disso... Ai eu acho que eu seja bem sucedida na minha na minha carreira profissional.” (Cisgênero – feminina, 27 anos)

“Nosso papel na sociedade é complicado assim pensar... porque tem o que seria uma expectativa social tipo, eu enquanto mulher agora nessas novas gerações, até que tem uma expectativa de que eu tenha uma estabilidade sozinha e que eu tenha um emprego e que eu tenho uma carreira... mas que eu também foque em um relacionamento e que esse relacionamento seja duradoura e que eu tenha muita essa posição de cuidado com outro, e que vem dessa posição de cuidado com o parceiro... pelo menos é isso que eu vejo né tipo de expectativa social... que eu organize a vida, tipo obviamente sempre organizar a vida, para ter filhos e a partir disso eu sempre ter esse aspecto de cuidadora.... cuidar da minha família, tipo pais... depois em paralelo cuidar do marido e cuidar de filhos, enquanto em paralelo também siga uma carreira.” (Cisgênero – feminina, 26 anos)

Em completa oposição à feminilidade, a masculinidade recebeu atribuições também diversas, mas de maneira geral consideradas negativas, tais como “Opressão”, “Tóxico”, “Posição de conforto”, “Enfrentamento”

“Firmeza”, “Rispidez”, “Brutalidade”, “Violência”, “Silenciamento”, “Agressivo”, “Rígido” e “Enrijecido”. Como se pode ver, a masculinidade foi associada a termos diretamente ligados a aspectos negativos e hostis, que podem causar distanciamento e repulsa. Diferente da definição de feminilidade, a masculinidade foi associada à imposição, e talvez falta de compreensão e rigidez.

Os termos levantados e os significados atribuídos podem ser relacionados com o conceito de “masculinidade tóxica”, que diz respeito a um conjunto de normas, crenças e comportamentos atribuídos a masculinidade que são prejudiciais a todos que com estas se relacionam, ou seja, mulheres, homens, crianças, pessoas LGBTQIAPN+ e a sociedade em geral. Esse conceito está ligado à virilidade tóxica, envolvendo agressividade e competitividade entre os homens, mas que acaba afetando outras pessoas, principalmente mulheres, pois há uma tendência em tentar dominá-las. (SCULOS, 2017 apud MOURA, 2019).

“[...] eu acho que a masculinidade em si para mim ainda chega como algo muito violento... tipo uma noção muito... assim... aquela coisa bem caricata assim sabe? De tipo de ser algo mais agressivo... mais... e não necessariamente quando eu digo agressivo não no sentido assim tipo realmente de agressão física, mas agressivo na postura de ser sabe? Tipo, de exercer um certo poder assim [...]” (Cisgênero – masculino, 20 anos)

“Outro lado né... o que não é doce, é tipo que é agressivo... que impõem... que é enrijecido.” (Não binário, 23 anos)

Ainda uma outra possível compreensão do conteúdo identificado é em relação às associações que levam a compreender a masculinidade como algo fechado e rígido, que não permite ou aceita mudanças e diferenças. Em acréscimo a isso podemos considerar outros termos, como “silenciamento”, “opressão” e “violência” para compreender que a masculinidade pode estar associada ao uso de força para regular sua posição e seus privilégios, sem espaço para diálogo ou considerações. Nesse sentido, Bourdieu (2011) aponta que da mesma forma que a feminilidade está associada à passividade e fragilidade, para a masculinidade é imposto uma necessidade de dominação, juntamente com uma demonstração de força e virilidade, dessa forma impossibilitando abertura para mudança e o posicionamento rígido descrito, já que somente sua perspectiva é válida e deve ser imposta.

Portanto, pode-se entender que os significados de masculinidade e feminilidade, de maneira geral, apresentaram posições opostas, sendo a feminilidade associada a atributos interpretados como flexibilidade e compreensão, que também pode ser entendido como passividade e docilidade, enquanto a masculinidade foi sendo entendida como opressora e rígida, gerando silenciamento e violência. Cabe enfatizar que estas são características e posições que realmente refletem a realidade, a maneira de ser masculino e feminino, entretanto, nada tem de inato ou biológico, são traços moldados e influenciados pela cultura, e, ao adotarem um caráter tão definidor e estereotipado como é, resulta em limitações, pois os indivíduos passam a acreditar que devem cumprir os padrões definidos das representações sociais de seu sexo, e não entram em contato com suas identidades pessoais (Mead, 2015).

Além disso, houve compreensões que transcendem a essa polaridade, entendendo que esta se refere a uma definição social e estereotipada, e que, na realidade, masculinidade e feminilidade são construções sociais. Isso aponta para um avanço nas discussões de gênero, pois atualmente as pessoas estão se distanciando do modelo padronizado de gênero e se aproximando de formas mais subjetivas. A lógica hegemônica e imperativa não mais limita os indivíduos com a mesma força, e com isso a crença de que existe um modelo único de masculinidade e feminilidade está se enfraquecendo, e em nome da diversidade, pluralidade e singularidade estão surgindo novos modos de ser masculino e feminino. Esse caminho de entendimento se mostra muito promissor e benéfico, visto que demonstra um rompimento com essas definições binárias e padronizadas, e possibilita pensar em formas de construir novos significados para feminilidade e masculinidade (Araújo, 2005).

“[...] tem toda aquela construção social de que tipo masculinidade eu vou ser totalmente o inverso da feminidade, é você ter opiniões forte e se portar com presença

e você ser forte e você ser bruto, e também não é necessariamente assim eu acho que tipo a resposta do que é masculinidade e do que é feminilidade, os dois são opostos na sociedade, mas eles não necessariamente precisam ter essa conotação de dois polos, na minha percepção é uma coisa muito mais subjetiva... você se sentir bem no espectro feminino, performando uma feminilidade [...]" (Cisgênero – feminina, 19 anos)

"Eu acho que é um construto social na verdade... tipo feminilidade, assim como masculinidade também... eu não considero assim nada estritamente feminino ou estritamente masculino sabe? Eu não sei dizer o que seria para mim porque eu acho que é uma coisa construída." (Cisgênero – feminina, 21 anos)

"Hoje a questão do feminino para mim é uma questão histórica assim sabe é uma coisa que é construída e que se movimenta... não tem a ver com uma essência nada nesse sentido, tem a ver com uma identidade mesmo que as pessoas vão construindo historicamente." (Cisgênero – feminina, 23 anos)

Dos 18 participantes da pesquisa, 17 compreendem que suas representações e ideias a respeito de masculinidade e feminilidade influenciam em quem estes são, ou seja, em suas subjetividades. E isso acontece de diferentes formas, mas o principal ponto identificado diz respeito às relações sociais, a forma como estas são estabelecidas, tal como a maneira de se relacionar com o outro e principalmente as expectativas para seguir os padrões estereotipados. Isso pode ser sustentado pelos argumentos de Caravaca-Morera e Padilha (2017), ao afirmarem que as representações sociais de sexo e gênero são formadas por um processo evolutivo ao longo da vida social de cada indivíduo, e por meio deste são interiorizadas expectativas e normas socioculturais que orientam como cada sujeito deve ser de acordo com seu sexo, e, conseqüentemente, seu gênero, garantindo a estes a adaptação social.

Seguem abaixo alguns exemplos de falas das pessoas que participaram e que revelam essa influência da masculinidade e da feminilidade em suas subjetividades:

"Eu me vejo muito mais num aspecto se fosse colocar me vejo muito mais pelo lado feminino do que o masculino né... eu sou muito mais calmo que nem eu falei eu sou mais mediador então nesse aspecto assim eu tenho certeza que me atinge... me define... me afeta (as representações que ele tem de feminilidade e masculinidade) muito porque eu sinto que eu tenho que colocar essas máscaras para ficar mais do lado masculino e fingir, fingir mesmo, que eu não tenho emoção, que eu sou machão e tudo mais, coisas que eu nem gosto de fazer." (Cisgênero – masculino, 21 anos)

"Com certeza... com certeza... acho que influencia não só na forma como eu me expresso... como preferências sexuais, de práticas mesmo assim né... no que eu desejo ou deixo de desejar... influencia sim, com certeza." (Cisgênero – feminina, 21 anos)

"Eu acho que desde pequeno a gente é ensinado né o que que significa se encaixar nisso e se a gente sair disso já é algo que a sociedade vai considerar estranho então acho que a gente acaba, no caso eu, acabo seguindo essas normas de gênero e sem me questionar muito [...]" (Cisgênero – feminina, 21 anos)

"Sim, eu acho que nos ambientes que eu frequento, meu trabalho e a minha casa até eu acho que eu tenho que passar uma visão de homem e tal que eu não me encaixo muito [...]" (Cisgênero – masculino, 21 anos)

Com isso, foi possível identificar que, de maneira geral, as representações de masculinidade e feminilidade estão fixadas a estereótipos, que os colocam como dois opostos. Mesmo com compreensões que entendem essas representações como algo além, como construções sociais que podem ser maleáveis, não

deixam de afirmar que essas ideias ainda os influenciam enquanto indivíduos, havendo um movimento de reprodução cultural e de adaptação às expectativas sociais e um impacto direto na forma de se relacionar.

Falta de identificação e imposições socioculturais

Foi possível identificar que um grupo de participantes segue determinadas práticas sociais e performam certas características que são atribuídas a seus gêneros sem sentirem que estes os representem, ou seja, sem identificação. Essas características reproduzidas sem identificação variam de acordo com cada gênero, e a partir disso será exposto cada circunstância.

Antes, é importante discorrer sobre como a forma dicotômica de compreender a realidade fundamenta o modelo binário de gênero, que sustenta a exclusão daqueles que não se enquadram dentro desse modelo (Padilha; Palma, 2017). O determinismo biológico, embasado pelo argumento da diferença anatômica entre os sexos, foi o fator primordial que sustentou esse modelo, desenvolvendo estigmas e estereótipos que em nada se relacionam com qualquer fator de ordem biológica. Ainda assim, os sujeitos reproduzem esses padrões definidos socialmente, recebendo diretas imposições coletivas que reforçam estas duas formas de se manifestar, induzindo o sujeito a se adaptar às demandas exigidas pelo meio cultural (Andrade; Delicato, 2019).

Os pontos atribuídos à masculinidade podem ser organizados de maneira muito similar a alguns pontos já tratados anteriormente. Observa-se que aqueles que se identificam com o gênero masculino apresentam uma cobrança e expectativa para serem fortes, seguindo para um discurso de não poderem chorar ou demonstrar emoções, devendo ser provedores e aqueles que resolvem todas as situações de forma solitária. Ainda identifica-se que esses comportamentos muitas vezes acontecem como uma forma de aceitação social, e predominantemente em ambientes compostos por pessoas do gênero masculino. É possível identificar essas questões nos relatos a seguir:

“Essa ideia de ser provedor e ter que trabalhar sempre sabe essas coisas... é com certeza eu acho que entra um pouco nisso sabe? tipo você é homem você não pode só parar e largar o trabalho e estudar.” (Cisgênero – masculino, 21 anos)

“Eu gosto de mostrar minhas emoções e na minha opinião, homens não mostram né... a não só mostrar mas eu sou uma pessoa bem emotiva e isso está mais relacionado né... falar sobre as coisas emoções enfim sentimentos está muito mais relacionado ao lado feminino e mais para mim é algo que é totalmente verdade para mim eu gosto de fazer” (Cisgênero – masculino, 21 anos)

“Sim é com certeza tipo esconder mesmos emoções no trabalho e tipo ser outra pessoa, isso eu faço diariamente, por ser masculino e também por estar naquele ambiente eu acho que é um pouco dos dois, aquele ambiente que também né a verdade seja dita é composto apenas por masculinos então... com certeza afeta então... é tipo sei lá eu não poder conversar sobre alguma coisa que eu gostaria com ninguém ali porque é um tema não é nem feminino é um tema bobo um tema que não é masculino.” (Cisgênero – masculino, 21 anos).

À masculinidade é retirado o direito de manifestar sentimentos, visto que estes são remetidos à feminilidade. Fragilidades, inseguranças, medos e angústias são coisas negadas aos que expressam masculinidade, estes devem ser viris, espertos, conquistadores e fortes (Andrade; Delicato, 2019). Isso demonstra como a posição masculina também é violenta e funciona em uma lógica aprisionadora, condenando os sujeitos à virilidade e à imposição de força (Bourdieu, 2011). Então, é possível perceber como esses indivíduos se sentem desconfortáveis e deslocados nessa posição que é imposta, mas que ainda assim a seguem como forma de adaptação e aceitação, pois o meio social masculino é extremamente rígido e opressivo.

Agora, em relação as pessoas que se identificam com o gênero feminino, estas destacaram que não se identificam, ou que seguem somente por exigência social, práticas relacionadas ao cuidado, seja da casa ou de outras pessoas, questões estéticas e o estereótipo da feminilidade de ser passiva e delicada. Primeiramente abordando a questão do cuidado, acompanhe os trechos:

“É o cuidado no sentido do lugar onde as pessoas me colocam sabe? é como se houvesse uma cobrança mesmo e aí é se a gente não para e pensa a gente se coloca nesse lugar do tipo “hã eu tenho que ser mesmo” por exemplo... é por exemplo... um exemplo bem clássico eu namoro um cara cis também e hétero e aí tipo o cara ficou doente tipo uma gripe aí tipo as pessoas é como se eu fosse a mãe dele como se esperasse que eu cuidasse dele mas tipo uma marmanjo o cara sabe se cuidar entendeu? eu vou ficar cuidando de marmanjo tenho namorado não tenho filho então mas é... nesse sentido sabe se eu não paro e penso eu aceito esse lugar... é como se eu aceitar assim entre aspas né eu entro nessa... eu entro nesse lugar onde eles me colocam entende?” (Cisgênero – feminina, 23 anos)

“Cuidado, acho que a responsabilidade com casa, limpeza.” (Cisgênero – feminina, 25 anos)

“Delicadeza e cuidado... que sempre tem cuidado com tudo... cuidado com a casa, cuidado com o jeito de falar, cuidado com o jeito de andar... e ser sempre uma pessoa delicadinha não sei o que... que precisa de alguém para proteger.” (Cisgênero – feminina, 25 anos)

Como foi possível observar, o cuidado foi uma constante nos relatos, o que possivelmente remete às exigências referentes à maternidade imposta sobre as mulheres e principalmente ao mito do instinto materno que atribui a estas a pressão e obrigação do cuidado, lidando com este como se fosse da ordem do natural. Badinter (1984) aprofunda essa questão abordando o mito do amor materno, discorrendo que este não é inerente a todas as mulheres, e que a partir da análise de processos históricos é possível afirmar que a ideia da existência de um instinto materno é falsa, portanto, esse discurso de que a mulher é mais cuidadora e deve assumir as tarefas referentes a essa característica é fundamentada por movimentos históricos, sociais e políticos, e não biológicos ou simplesmente da essência feminina.

Outro ponto mencionado, e comumente atribuído, é o que diz respeito a trabalhos domésticos. Sobre o tema, Davis (2016), produz relevantes contribuições no que diz respeito se refere ao aspecto racial, articulado com essa situação da mulher. A autora coloca que as mulheres negras nunca viveram o “destino doméstico” atribuído às mulheres brancas de classe média. Desde a escravidão foram forçadas ao trabalho pesado, tanto na produção agrícola, quanto nos serviços das casas dos senhores. Após a abolição, continuaram em ocupações precárias, sobretudo como empregadas domésticas, cozinheiras, lavadeiras e babás. Enquanto feministas brancas denunciavam a prisão do lar, as mulheres negras não tinham esse “privilégio” de ficar em casa, sua realidade era a de sustentar famílias com longas jornadas, baixos salários e nenhuma proteção. Assim, a opressão de gênero se somava ao racismo e à exploração de classe, tornando a experiência delas muito distinta daquela que dominava o discurso feminista hegemônico.

Agora em relação a assuntos ligados à estética, foi possível identificar que muitas práticas são seguidas somente por serem do gênero feminino, e estas exprimem uma exigência e necessidade imposta de sempre estarem apresentáveis e organizadas, buscando o máximo de sua beleza, e atendendo os padrões estéticos, que manipulam o corpo e a forma real de ser.

“Um olha eu sei que tem em mim vontades que eu sei que existem por eu ser mulher que eu não sei explicar por exemplo depilação entendeu? tirar a sobrancelha tipo é um pelo aqui tá ligado? na cara e eu faço, eu sei que eu faço por talvez eu ser mulher por querer estar dentro desse...mas é uma vontade assim que eu tenho sabe tipo se eu não

tiro eu fico incomodada eu sei que é uma coisa minha mas eu sei que não é só minha entendeu?”(Cisgênero – feminina, 23 anos)

“Eu acredito que coisas de beleza também sabe? Questões estéticas, não sei se se entra, mas me veio isso né? Então assim, o que que mulher faz né? Então “a faz depilação” né? Não que isso não venha mudando... mas assim eu sinto que por exemplo, eu faço depilação muito porque eu acabei aprendendo a gostar, como uma imposição né? Eu acabo reproduzindo isso, fazendo isso... então eu fico pensando, mas será que se eu fosse homem será que eu faria? Acho que não né? Então por mais que eu goste hoje em dia do resultado, mas eu... me ensinaram né? Tipo a fazer isso... não é uma coisa espontânea que eu fiz porque eu sempre achei super legal.” (Não soube definir, 19 anos)

Após as falas apresentadas, cabe discutir brevemente sobre o padrão de beleza, especialmente feminino, que impacta e estabelece os modelos a serem seguidos. De acordo com Melo e Santos (2020), o padrão de beleza feminino recebe fortes pressões das mídias em geral e dos meios de comunicação e a busca inalcançável por esse ideal produz severos danos mentais, físicos e emocionais, podendo em muitos casos resultar em transtornos emocionais, transtornos de imagem, consumismo exacerbado de produtos rejuvenescedores e estresse.

É possível observar como a questão estética e da beleza, por meio de processos histórico-sociais, se tornou parte do valor subjetivo da mulher. Dessa forma, a narrativa da beleza se torna algo mítico, que por meio de aparatos linguísticos e midiáticos molda a identidade feminina a partir de um padrão específico de beleza, gerando sentimento de inferioridade e controle desses corpos, sendo assim um instrumento de legitimação e perpetuação do patriarcado. Portanto, o mito da beleza feminino é imposto e interessa somente aos homens em sua tentativa de manutenção de poder (Wolf, 2019).

Por último, questões relacionadas ao estereótipo de que o feminino deve ser passivo e delicado, e como isso não representa muitas das pessoas que se identificam com o gênero feminino.

“Eu sinto que é algo que maioria das vezes eu não penso muito, mas se for parar para refletir é algo que acaba privando, me privando de muita coisa né? De tipo dar minhas opiniões mais claramente... ter coragem de falar as coisas.” (Cisgênero – feminina, 21 anos)

“Quando eu era criança, a coisa da obediência assim... de obediência das autoridades sabe? não só o pai e mãe, não só a família mas na escola... essa coisa assim sabe?... seguir as regras.” (Cisgênero – feminina, 28 anos)

“Deixa eu pensar... assim somente pelo gênero... acho que às vezes até tipo questão de relacionamento assim, não chegar quando é um homem... de certa forma, tentar ser menos ativa no flerte pra não parecer fácil essas coisas assim, tipo acho que de cabeça o que eu lembro é isso [...]” (Cisgênero – feminina, 26 anos)

As falas expostas evidenciam como ao longo da história a sociedade construiu uma imagem feminina, como frágil e que necessita de proteção, cunhando o termo “sexo frágil”. O sistema patriarcal, utilizando de diversos instrumentos sociais e ideológicos, produziram e sustentaram essa ideia em relação a feminilidade. Complementando, Beauvoir (1967) afirma que a passividade é uma das mais essenciais características da feminilidade, visto que há toda uma estrutura social que ensina a se recolher e a agradar as vontades alheias, fazendo abdições e assumindo um papel passivo, impotente e dócil.

O que foi possível observar é que muitas das características atribuídas aos gêneros e muitos dos comportamentos esperados de cada gênero não representam as pessoas que se identificam com estes, apresentando um desconforto e uma falta de identificação ao reproduzi-los. Entretanto, por conta de imposições culturais e por uma busca por aceitação e adequação nos grupos sociais, os indivíduos acabam

performando o estereótipo de seu gênero. Para o gênero feminino, estas são o cuidado, as preocupações estéticas e a passividade. Já para o masculino é a necessidade de ser forte, enfatizando como em ambientes masculinos isso é ainda mais reforçado e manifestado, havendo uma dificuldade em romper com essas pressões sociais nesse contexto.

Autopercepção em relação ao gênero

Acerca da percepção e do sentimento com o gênero que se identificam, mais da metade da amostra manifestou satisfação com seu gênero, abrindo espaço para ressalvas e destaques. Foi possível observar que aqueles que se entendem como masculinos reconhecem o lugar de privilégio que se encontram, e as violências e opressões que esse lugar muitas vezes gera.

“Cara, eu me sinto bem ... eu me sinto bem... entretanto, eu sinto que essa forma do masculino ser de rigidez, de piadinhas sabe? sobre outros gêneros... sexistas e tudo mais, eu acho que isso acaba estragando muita coisa de pessoas boas... em contrapartida eu acho que eu me sinto bem por quem eu sou.” (Cisgênero – masculino, 20 anos)

“Eu me sinto bem... tipo assim... é tosco, mas eu sempre brinco falando “a graças a Deus eu sou homem” mas isso é relação a menstruação e coisas do gênero, mas pô eu tô de boa... eu acho que ser homem é mais fácil principalmente na relação que a sociedade é patriarcal que tudo isso, é mais fácil ser o homem.” (Cisgênero – masculino, 20 anos)

“Me sinto bem... tenho consciência de tudo que esse gênero carrega hoje... é uma questão histórica questão de estereótipos né... mas eu me sinto bem com o que eu sou hoje e o que eu sinto que eu necessito trabalhar eu estou trabalhando... eu trabalho para isso hoje eu me sinto assim, sempre buscando melhorar.” (Cisgênero – masculino, 21 anos)

Em relação à feminilidade, foi possível apreender que mesmo se sentindo bem nessa performance, existe um desconforto em relação ao tratamento recebido ao estar nesse lugar. Ou seja, existe uma identificação e um sentimento de pertencimento, mas a consequência social que se manifesta é o grande gerador de sentimentos conflituosos. Essas consequências sociais podem ser compreendidas como as expectativas e pressões sociais recebidas, que no caso da feminilidade passa por fraqueza e passividade (Beauvoir, 1967). Sendo assim, por mais que haja identificação com esta forma de se manifestar, estar nesse lugar também gera desconforto. Sobre isso, seguem algumas falas:

“Eu me sinto muito bem, porém o que não me sinto bem é com as coisas que a gente acaba passando no dia a dia né... então eu sou muito feliz com a forma de eu me identificar como uma mulher né... de eu ser uma mulher, porém eu acredito que o que acontece né, as formas de discriminação, de preconceito, de invalidação né? Muita violência né? Então assim, eu não gosto de me preocupar toda vez que eu saio na rua se vai acontecer alguma coisa comigo... então assim, nesse sentido é péssimo ser mulher... esses dias, até não lembro... acho que foi até em relação a violência mesmo... eu fiz até um comentário na minha casa, falei “que bosta ser mulher”, tipo assim qual o lado bom né? Socialmente falando? ... não sei... não sei... eu gosto, mas não vejo muitas vantagens socialmente falando sabe? Então acho que é um pouco nesse sentido.” (Cisgênero – feminina, 27 anos)

“Então, nesse nível assim tipo de questionar gênero nunca tive isso... mas ao mesmo tempo não é uma questão pra mim ser mulher... apesar de eu achar a ideia de

binarismo de gênero meio bizarro... mas é muito pra mim o que me fazem ser por ser mulher, tipo pouco mais que eu não me importe em ser mulher, em ser feminina... em colocar um vestidinho, com um sapatinho, usar um perfume mais doce, um batom vermelho para sair de noite... ainda me é desconfortável a posição, do tipo, por eu estar vestida assim, por olharem para mim e saberem que eu sou uma mulher eles vão ter uma expectativa XYZ de mim.. e as vezes uma expectativa que vão me desumanizar... e eu acho que meu desconforto com gênero é essa ligação do feminino e essa vulnerabilidade.... Essa constante vulnerabilidade... eu sempre sou o corpo para o outro, nunca para mim... então tem um desconforto nesse aspecto.” (Cisgênero – feminina, 26 anos)

Além disso, também houve participantes que não se identificam ou que não se sentem totalmente satisfeitos com o seu gênero, mas, no entanto, se manifestam, demonstrando uma postura de aceitação. O contexto social na qual o indivíduo se desenvolve e seus primeiros contatos com o mundo vão lhe oferecer formas de atuar no mundo, além de filtros para compreender a realidade. Dessa forma, o sujeito interioriza o mundo externo, e se distancia cada vez mais do seu ser, dos seus desejos, simplesmente manifestando e aceitando certas imposições (Sartre, 1987). Para exemplificar estes, segue alguns trechos:

“Cara eu sinto que tem... assim olhando de uma perspectiva de que... do clássico né do que é ser homem e tudo mais, eu sinto que tem vantagens e desvantagens... eu sinto que tem mais desvantagens do que vantagens.” (Cisgênero – masculino, 20 anos)

“Não é que eu não me identifico falar que eu não me identifico é muito forte né mas com algumas coisas eu não me identifico... outras para mim não é nem que eu não me identifico mas é como que fala... espera aí que eu vou lembrar a palavra tem uma boa palavra é umas coisas eu me identifico outras é... convém, convém está junto ali [...] quando eu falo convém eu queria falar outra palavra mas é engraçado parece que tipo que está na minha zona de conforto algumas coisinhas ali tá vem para cá está bom mas é engraçado pensar que se fosse uma sociedade sem nada como eu me moldaria.” (Cisgênero – masculino, 21 anos)

“Bem... eu sei as dificuldades que a mulher sofre na sociedade, eu sinto isso, porém não sou outra coisa... eu tenho que... eu sou isso e o que que eu posso fazer com isso, entendeu?” (Cisgênero – feminina, 23 anos)

Esse sentimento colocado pode ser compreendido como algo natural e esperado, levando em conta a condição humana. Segundo Sartre (2013), não há uma essência humana, algo cristalizado que a defina e a limite. Os contextos que o sujeito frequenta o influenciam, mas não exercem determinações sobre este, sempre havendo um espaço para a liberdade e a possibilidade. A existência é constituída em um projeto inacabado, que sempre busca se realizar e está em constante formação (Sartre, 2014). Dessa forma, as falas que transcrevemos no artigo revelam esse movimento de construção do ser, que se depara com muitas possibilidades existenciais, estando em contínua transformação e mudança.

A partir do exposto nessa categoria, é possível dissertar que o binarismo de gênero afeta de alguma forma na autopercepção e autoidentificação dos indivíduos com seus gêneros, levando a reproduções de estereótipos. Também gera uma influência direta nas relações de gênero, sendo um destes privilegiado se posicionando como dominador (masculino), ao mesmo tempo que a outra vivência situações de opressão e violência (feminino), levando até mesmo ao questionamento dessa posição de gênero. Entretanto, foi identificado um grupo que busca romper com esses padrões binários, visando construir algo mais autêntico e que tenha algum sentido pessoal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se entender que os significados de masculinidade e feminilidade, de maneira geral, apresentaram posições opostas, sendo a feminilidade associada a atributos interpretados como flexibilidade e compreensão, que também podem ser entendidos como passividade e docilidade, enquanto a masculinidade foi entendida como opressora e rígida, gerando silenciamento e violência. Portanto, foi possível identificar que, de maneira geral, as representações de masculinidade e feminilidade estão fixadas a estereótipos, que as colocam como dois opostos. Mesmo com compreensões que entendem essas representações como algo além, como construções sociais que podem ser maleáveis, não deixam de afirmar que essas ideias os influenciam enquanto indivíduos, havendo um movimento de reprodução cultural e de adaptação para com as expectativas sociais e um impacto direto na forma de se relacionar.

Também foi possível observar que muitas das características atribuídas aos gêneros e muitos dos comportamentos esperados de cada gênero não representam as pessoas que se identificam com estes, apresentando um desconforto e uma falta de identificação ao reproduzi-los. Entretanto, por conta de imposições culturais e pela busca de aceitação e adequação nos grupos sociais, os indivíduos acabam performando o estereótipo de seu gênero.

Com isso, é possível concluir que os significados e representações sociais de masculino e feminino exercem relevante influência no processo de subjetivação das pessoas, moldando as formas de ser e de expressar, assim como as relações estabelecidas, e conseqüentemente, na forma de se autoperceber enquanto sujeito.

Considerando a existência desse modelo que influencia as subjetividades, cabe questionar como seriam os indivíduos, como estes se manifestariam no mundo, se não houvesse uma lógica tão poderosa que constantemente promove a padronização da vida e dos corpos. Acrescentando à essa discussão, Mead (2015) propõe uma dinâmica sociocultural onde os indivíduos possam se desenvolver a partir dos próprios parâmetros, de maneira livre. Esse rompimento com a estrutura social binária resultaria na construção de diferentes talentos e potencialidades que na atual dinâmica cultural, com toda sua arbitrariedade se mostram ofuscados.

Dessa maneira, o modelo binário de gênero é maléfico em diferentes esferas, subjetivo, enquanto grandioso influenciador das mais diversas formas de ser do sujeito; e social, estruturando o modelo patriarcal, responsável este por inúmeras violências, opressões e desigualdades entre os gêneros. Ainda assim, é preciso trabalhar para desenvolver uma estrutura social onde masculinidade e feminilidade possam ser desconstruídas, e das ruínas desse processo, seja possível o surgimento de novas formas de se relacionar com esses conceitos, e que estes possam ser pautados na igualdade, liberdade e diversidade.

Para finalizar, é válido destacar a importância de pesquisas ainda mais aprofundadas e específicas sobre os inúmeros atravessamentos que circundam o tema, até porque o trabalho em questão não se propõe a encerrar este debate, reconhecendo limitações e necessidades de maiores investigações.

Conflito de interesse

Os autores declaram não haver conflitos de interesse de nenhuma natureza.

Referências:

ANDRADE, G. P; DELICATO, T. D. A representação social da mulher e a cultura do machismo. **Wamon**, Amazonas, v. 4, n. 2, p. 31-42, nov. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/wamon/article/view/5954>. Acesso em: 18 fev. 2025.

ARAÚJO, M. F. Diferença e igualdade nas relações de gênero: revisitando o debate. **Psicologia Clínica**, v. 17, n. 1, p. 41-52, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pc/a/BVXTfbqzbzJJYh7pwSkjdzpN/?lang=pt>. Acesso em: 18 fev. 2025.

ARAÚJO, M. F. Diferença e igualdade nas relações de gênero: revisitando o debate. *Psicologia Clínica*, v. 17, n. 1, p. 41-52, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pc/a/BVXTfbqzbzJJYh7pwSkjdzpN/?lang=pt>. Acesso em: 12ago. 2025.

BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2007.

BEAUVOIR, S. **Segundo Sexo: A Experiência Viva**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

BOCK, A. M. B. A Psicologia Sócio-histórica: uma Perspectiva Crítica em Psicologia. In: BOCK, A. M. B., MARCHINA, M. G., FURTADO, O. **Psicologia Sócio-histórica: Uma Perspectiva Crítica em Psicologia**. São Paulo: Cortez, 2001, p.15-35.

BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

BUTLER, J. **Regulações de gênero**. *Cadernos Pagú*. n. 42, p. 249-274, 2014

CABRAL, F.; DÍAZ, M. Relações de gênero. In: BELO HORIZONTE. Secretaria Municipal de Educação. **Cadernos afetividade e sexualidade na educação: um novo olhar**. Belo Horizonte: Rona, 1998. p. 142-150.

CARAVACA-MORERA, J. A. C; PADILHA, M. I. Representações sociais do sexo e gênero entre pessoas trans. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 70, p. 1235-1243, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/Kv57myfLRJKgHCMGytwVSxF/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 18 fev. 2025.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe** [recurso eletrônico]. Tradução Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DÓCIL. In: DICIO, **Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2022. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/docil/>. Acesso em: 18 fev. 2025.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Tradução: Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

FOUCAULT, M. **Estratégia poder-saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GUATTARI, F. **Caosmose: um novo paradigma estético**. São Paulo: 34, 2000.

GUATTARI, F; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & realidade**, v. 22, n. 2, 1997.

HENNIGEN, I; GUARESCHI, N. M. F. A subjetivação na perspectiva dos estudos culturais e foucaultianos. **Psicologia da Educação**, São Paulo, v. 23, p. 57-74, dez. 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752006000200004. Acesso em: 18 fev. 2025.

HOOKS, Bell. **Teoria feminista: da margem ao centro**. Trad. de Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019.

MAHEIRIE, K. Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. **Interações**, v. 7, n. 13, p. 31-44, 2002. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/354/35401303.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2025.

MEAD, M. **Sexo e temperamento em três sociedades primitivas**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

MELO, L. S. M; SANTOS, N. M. L. Padrões de beleza impostos às mulheres. **Revista Científica Eletrônica de Ciências Aplicadas da Fait**, v. 1, n. 1, p. 1-7, 2020. Disponível: <http://fait.revista.inf.br/site/>. Acesso em: 18 fev. 2025.

MOURA, R. G. A masculinidade tóxica e seus impactos na vida dos gays dentro das organizações. **Revista Ciências do Trabalho**, v. 1, n. 13, p. 125- 139, 2019. Disponível em: <https://rct.dieese.org.br/index.php/rct/article/view/194>. Acesso em: 18 fev. 2025.

PADILHA, V. B. P.; PALMA, Y. A. Vivências não-binárias na contemporaneidade: um rompimento com o binarismo de gênero. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 11.; WOMEN'S WORLDS CONGRESS, 13., 2017. Anais eletrônicos [...]. Florianópolis, 2017. Disponível em: http://www.en.www2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499481481_AR QUIVO_FG2017completovifinal.pdf. Acesso em: 12ago. 2025.

PARPINELLI, R. S; FERNANDES, S. L. Subjetivação e psicologia social: dualidades em questão. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 23, p. 191-204, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/qmd8RSN9whYKpxJmqW74W3L/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 18 fev. 2025.

RIBEIRO, S. L. S. Narrativas e entrevistas em pesquisas qualitativas: história oral como possibilidade teórico-metodológica. **Revista Ciências Humanas**, Taubaté, v. 14, e25, 2021. Disponível em: <https://www.rchunitau.com.br>. Acesso em: 9 set. 2025.

SARTRE, J. P. **O existencialismo é um humanismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

SARTRE, J. P. **O ser e o nada: Ensaio de ontologia fenomenológica**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014.

SARTRE, J. P. **Questão de método**. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2014

WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.